



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO**

FACULDADE DE LETRAS

**BISSEXUALIDADE NA LITERATURA DIRECIONADA A JOVENS LEITORES:
UMA ANÁLISE DE *VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL*, DE CASEY
MCQUISTON**

Lígia Silva de Almeida

Rio de Janeiro
2023

LÍGIA SILVA DE ALMEIDA

Bissexualidade na literatura direcionada a jovens leitores: uma análise de *Vermelho, branco e sangue azul*, de Casey McQuiston

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Letras na habilitação Português/ Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Júlia Braga Neves

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

A447b Almeida, Lígia Silva de
Bissexualidade na literatura direcionada a
jovens leitores: uma análise de Vermelho, branco e
sangue azul, de Casey McQuiston / Lígia Silva de
Almeida. -- Rio de Janeiro, 2023.
25 f.

Orientadora: Júlia Braga Neves.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2023.

1. bissexualidade. 2. literatura YA. 3.
literatura NA. I. Neves, Júlia Braga, orient. II.
Título.

Este trabalho é dedicado ao meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria ficado pronto sem todo o apoio que recebi ao longo dos cinco anos da graduação. Então gostaria de começar agradecendo ao meu irmão, Renan, pelo amor e carinho e pela paciência com as minhas milhares de dúvidas tecnológicas.

A minha mãe, Roselane, e ao meu pai, Joselias, pelo imenso apoio e por terem me incentivado a correr atrás de todos os meus sonhos. A minha avó, Sebastiana, que também me apoiou desde o início da minha vida. Agradeço também o apoio de meu tio Rogério, e de minha madrinha Rosângela. Sou grata também aos meus amigos mais próximos, Allan, Izadora, Ana Beatriz, Giovana, Beatriz Helena, Anna Luiza e Olivia, obrigada por fazerem parte da minha vida.

A minha orientadora, Júlia Neves, por ter aceitado me guiar nesse caminho e por ter me encorajado desde o início. As primeiras aulas que tive com você em 2020 me fizeram voltar a ter vontade de estudar literatura com um entusiasmo que eu não sentia há bastante tempo.

A Michela Candia, cuja pesquisa eu admiro e por ter aceitado avaliar meu trabalho.

Agradeço também aos meus amigos do trabalho, Leandro, Mayara, Amanda, Flávia, Bia e Júlia, por todo o apoio com palavras, abraços, formatações, revisões etc. A minha equipe, Stell, Rafa, Ju e Manu, por acreditarem em mim desde o início. Sou grata por poder passar meus dias úteis com vocês.

Gostaria de agradecer também a minha amiga Ana Flávia, pela companhia no eixo Baixada-Fundão e por permanecer na minha vida desde então.

A Maria Natália, a quem eu conheci na pandemia e me apresentou o livro que viria a ser objeto de estudo neste trabalho. Penso com carinho nas nossas conversas e análises literárias nas madrugadas de 2020 sempre.

À UFRJ, por ter mudado minha vida em todos os aspectos que importam.

Ao meu avô, Adão, que partiu antes de poder me ver usando beca e capelo, mas que está sempre comigo.

A Carmen, pelo apoio continuado nestes últimos anos.

E, finalmente, ao ímpeto constante de continuar tentando que habita em mim mesmo que às vezes o faça contra a minha vontade.

ALMEIDA, Lígia Silva de. **Bissexualidade na literatura direcionada a jovens leitores: uma análise de *Vermelho, branco e sangue azul*, de Casey McQuiston**. Orientadora: Júlia Braga Neves. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Graduação em Letras - Português/Inglês) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 25f.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a bissexualidade no nicho da literatura direcionada a jovens leitores. Para tal, a obra *Vermelho, branco e sangue azul*, de Casey McQuiston, foi escolhida como objeto de análise. Foram discutidos, no primeiro capítulo, o contexto de publicação da obra e questões relevantes que envolvem a publicação de obras centradas em personagens não heteronormativos como a censura, por meio de Malta, Flexor e Costa (2020). Discutiu-se, também, a respeito da colocação do gênero literário e os limites entre a ficção *Young adult* (YA) e *New adult* (NA) com base em McAlister (2021) e Ross (1985), entre outros. No segundo capítulo, foi proposta análise da obra com foco na construção dos personagens e na representação bissexual por meio de diálogo com a crítica e a partir da perspectiva da função educativa da literatura. Além disso, discutiu-se a questão da visibilidade bissexual pontuada na obra com base em Epstein (2014), Garber (1997), entre outros. Concluiu-se que, no que diz respeito à categorização do gênero literário no Brasil, embora sejam formalmente distintas, as literaturas YA e NA são aglutinadas na mesma categoria, fazendo com que obras com tons de maior complexidade (NA) sejam comercializadas como literatura jovem adulta (YA). Concluiu-se também que, por meio de construção de personagens bissexuais não estereotipados e com arcos que vão além da sua sexualidade, a obra de McQuiston pode proporcionar discussões ricas a respeito da bissexualidade e contribuir no movimento contra o apagamento bissexual na literatura centrada em personagens queer, indo de encontro à Garber (1997) e Epstein (2014).

Palavras-chave: bissexualidade; jovens leitores; literatura YA; literatura NA; visibilidade bissexual

ABSTRACT

This study aims to discuss bissexuality in the niche of literature aimed at young readers. For this discussion, the work *Red, White and Blue Blood*, by Casey McQuiston, was chosen as the object of analysis. In the first chapter, the context of publication of the book and relevant issues involving the publication of books centered on non-heteronormative characters such as censorship, based on Malta, Flexor and Costa (2020), were discussed. The placement of the literary genre and the limits between Young Adult (YA) and New Adult (NA) fiction based on McAlister (2021) and Ross (1985), among others, was also considered. In the second chapter, an analysis of the work was proposed focusing on the construction of the characters and bisexual representation through dialogue with critics and from the perspective of the educational function of literature. In addition, the issue of bisexual visibility punctuated in the work was discussed based on Epstein (2014), Garber (1997), among others. It was concluded that, with regard to the categorization of the literary genre in Brazil, although they are formally distinct, YA and NA literatures are agglutinated in the same category, causing books with more complex

tones (NA) to be marketed as young adult literature (YA). It was also concluded that, through the construction of non-stereotypical bisexual characters whose arcs go beyond their sexuality, McQuiston's work can provide rich discussions about bisexuality and contribute to the movement against bisexual erasure in literature centered on queer characters, in line with Garber (1997) and Epstein (2014).

Key-words: bisexuality; young readers; YA literature, NA literature; bisexual visibility

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2. ENREDO E CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO..... | 11 |
| 2.1 Questão de gênero: <i>Young adult</i> no Brasil, <i>New adult</i> nos EUA..... | 13 |
| 3. NARRATIVAS BISSEXUAIS E O PAPEL DA FICÇÃO..... | 17 |
| 3.1 O precedente da visibilidade..... | 19 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 24 |
| 5. REFERÊNCIAS..... | 25 |

1. INTRODUÇÃO

Desde que comecei a pensar no tema do trabalho que concluiria minha graduação, sabia que deveria ser sobre a temática bissexual na literatura contemporânea. Não só pela minha própria afinidade com o assunto, mas pela relevância que a discussão acerca do tema tem tomado nas esferas literárias entre as quais transito. Como editora em um dos selos editoriais que mais publica literatura com narrativas centradas em personagens LGBTQIAPN+¹ para o público jovem no Brasil, passo a maior parte do tempo trabalhando no texto e estudando as tendências do mercado, tanto nas vendas como nas redes sociais.

Nessa perspectiva, enquanto refletia a respeito do panorama da literatura direcionada ao público jovem no Brasil atualmente, surgiram alguns questionamentos a respeito de como a bissexualidade está sendo ou não abordada nesse nicho e que reflexões podem ser propostas a partir de tal questão, como o papel deste tipo de ficção na formação intelectual do público leitor, que é majoritariamente formado por jovens leitores, e como tal representação pode contribuir para o compêndio da produção cultural queer e para a visibilidade bissexual. Para tal, decidi abordar tais pontos a partir da análise do livro *Vermelho, branco e sangue azul*, romance de Casey McQuiston que apresenta a bissexualidade por meio de seu protagonista.

Sendo assim, este trabalho dividido em duas partes busca discutir, na primeira, o contexto narrativo e da publicação da obra, com foco em questões relevantes para a colocação editorial da obra, como a questão histórica da censura à obras LGBT, a partir da pesquisa de Malta, Flexor e Costa (2020), e as diretrizes dos gêneros literários direcionados a leitores mais jovens, que são as literaturas *Young adult* e *New adult*, com base nas definições de Ross (1985), Beckett (2008), Chappell (2012) e McAlister (2021). Falaremos, também com base em McAlister (2021), a respeito da influência comercial na classificação do gênero literário.

Na segunda, buscaremos discutir inicialmente, por meio de análise da literária da obra a partir da crítica e pontuando alguns dos aspectos mais relevantes da obra, o papel da ficção direcionada a jovens leitores na formação intelectual e na propagação dos papéis de gênero, a partir de Sunderland (2010). Além disso, discutiremos, com base em Garber (1997), Du Plessis (1996) e McDowall (2019), a questão da visibilidade bissexual. Tal assunto será tratado a partir da perspectiva da função educativa da literatura direcionada a jovens leitores, a partir das proposições de Epstein (2014).

¹ A sigla diz respeito à comunidade de indivíduos que se identificam como Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais ou pessoas Não-binárias. O símbolo “+” se refere “às demais orientações sexuais e identidades de gênero, a fim de mostrar que a diversidade de gênero e sexualidade é constante e pode mudar a qualquer momento” (BERTOLINI; OLIVEIRA; AMARAL, 2022. p. 2).

Por fim, será discutido, brevemente, o movimento do mercado editorial brasileira no que diz respeito à publicação de obras centradas em personagens LGBT e as expectativas do público leitor, com base nos dados de Verçosa (2017) e Moreira e Scabin (2021).

2. ENREDO E CONTEXTO DE PUBLICAÇÃO

Livro de estreia de Casey McQuiston, *Vermelho, branco e sangue azul* foi publicado originalmente pela St. Martin 's Press, selo da gigante editorial Macmillan, nos Estados Unidos em maio de 2019. No Brasil, foi publicado mais tarde no mesmo ano, em novembro, pela Seguinte, selo de literatura para o público jovem da Companhia das Letras. Promovido majoritariamente como literatura *Young adult*, ou jovem adulta, no Brasil, o livro é um romance contemporâneo que reimagina a política estadunidense a partir das eleições de 2016 com foco no relacionamento entre duas figuras públicas bastante relevantes para a política internacional.

Com narração em terceira pessoa pelo ponto de vista de Alex Claremont-Diaz, filho Ellen Claremont, a primeira mulher eleita para presidência dos EUA, o ponto de partida do livro é a relação antagonica entre Alex e o príncipe de Gales, Henry, que parece odiá-lo do mesmo jeito. No entanto, depois que uma discussão no casamento real do irmão de Henry acaba com os dois se atracando aos empurrões e um bolo de 75 mil dólares arruinado, a imprensa de ambos os países começa a apontar que a relação entre a Casa Branca e o palácio de Buckingham talvez não seja tão amigável quanto ambos alegam. Sendo assim, um complexo esquema de controle de danos e relações públicas é iniciado, fazendo com que Alex e Henry “expliquem” o acontecido com a justificativa de que tudo foi apenas um mal entendido e eles são bons amigos. Desse modo, enquanto são obrigados a passar grandes quantidades de tempo juntos em entrevistas e eventos para acalmar a imprensa, os dois começam a ter sentimentos um pelo outro.

No entanto, o *timing* para um relacionamento entre dois dos homens mais relevantes da política internacional não poderia ser mais arriscado, uma vez que, na narrativa, o ano é 2020 e a mãe de Alex é candidata à reeleição para a presidência. Enquanto a corrida presidencial é delineada, o relacionamento de Alex e Henry deslança. Alex se descobre bissexual, e o relacionamento com o príncipe o faz engatar em questionamentos consideráveis sobre si mesmo; ele também descobre que Henry é gay. No auge das tensões eleitoreiras da campanha da mãe, o relacionamento dos dois é exposto pelos tabloides, e todos os e-mails íntimos que eles trocaram detalhando a relação dos dois são divulgados, forçando-os a encarar as repercussões de seu relacionamento escolher como se vão lidar com essa adversidade de forma honesta ou não. Por fim, ambos optam por ir a público com a verdade e, após impasses políticos e problemas familiares, os personagens decidem ficar juntos em um final feliz e clichê, típico da comédia romântica centrada em indivíduos heterossexuais.

No entanto, um dos principais pontos que de relevância para este estudo consiste no fato

de que o universo de McQuiston se desdobra a partir de uma perspectiva não heteronormativa², e, portanto, diz respeito a presença ou ausência de mecanismos comuns aos tropos românticos e de autodescoberta e o que a projeção destas representa no escopo da proposta de representatividade da narrativa, uma vez que buscaremos analisar a construção de tais mecanismos no que concerne a sua contribuição como uma obra centrada em um personagem bissexual.

Sendo assim, como uma obra de ficção cuja narrativa aborda autodescoberta, sexualidade e propõe reflexões que refutam a ordem da heteronormatividade, cabe mencionar alguns aspectos relevantes da cena literária brasileira em meio a publicação, como o histórico de censura quando se trata de obras de tal temática. Malta, Flexor e Costa (2020), em estudo que busca historicizar movimentos de censura em relação à obras de temática LGBT, apontam que o principal argumento das partes opressoras se dá devido ao papel político que é atribuído à literatura infantojuvenil:

Narrativas que discutem orientação sexual e expressões não binárias de gênero esbarram em obstáculos, especialmente para compor as páginas destinadas a crianças e a adolescentes. O enfrentamento a essas barreiras desbordou, recentemente, uma série de títulos literários voltados a esse público, antes impensado, dando forma a uma insólita arena que sustenta embates de cunho político. (Malta; Flexor; Costa, 2020, p. 2)

Pouco antes do lançamento da edição brasileira da obra, na 19ª Bienal do Livro, ocorreu uma tentativa de censura de uma obra voltada para o público jovem por parte da prefeitura, na qual o então prefeito tentou tirar um título, a história em quadrinhos *Vingadores: A cruzada das crianças*, de Allan Heinberg e Jim Cheung, de circulação por conter uma imagem que ilustrava um beijo entre dois jovens. A ação gerou uma negativa da produção do evento, e a repercussão resultou na venda de todos os exemplares do livro em questão. Além disso, uma ação de distribuição de títulos centrados em narrativas LGBTQ+ foi promovida pelo criador de conteúdo Felipe Neto, que efetuou a compra de milhares exemplares para distribuição gratuita como protesto.³ Nesse sentido, pode-se apontar que fortaleceu-se ainda mais a demanda do público leitor brasileiro, especialmente o público jovem, por obras centradas em protagonistas LGBTQIA+ (Malta; Flexor; Costa, 2020, p. 2).

Outro fator que justifica a discussão da obra de McQuiston como conteúdo relevante na discussão da literatura *Young adult* consiste no desempenho comercial do livro. Segundo a

²Segundo Warner (1993), “[...] heteronormatividade ou norma heterossexual refere-se a um arsenal de valores, normas, dispositivos por meio do qual a heterossexualidade é instituída como a única possibilidade legítima e natural de expressão identitária e sexual.” (WARNER, 1993 apud JUNQUEIRA, 2009a, p.113).

³<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/05/crivella-pede-para-recolher-livro-dos-vingadores-vendido-na-bienal.ghtml>

Companhia das Letras, foram vendidos mais de 100 mil exemplares, sendo 30 mil somente em 2021 e, em julho do mesmo ano, *Vermelho, branco e sangue azul* foi o livro mais vendido do país, de acordo com a Nielsen PublishNews.

Em suma, parte-se da ideia que, embora o consumo e os números expressivos de venda do produto livro não sejam a única marcação que confere relevância a determinada obra, pode-se observar que há potencial para refletirmos e analisarmos como uma obra tão consumida pelo público jovem brasileiro pode ser importante e contribuir para a discussão de gênero e sexualidade no momento literário atual.

2.1 Questão de gênero: *Young adult* no Brasil, *New adult* nos EUA

Enquanto *best-seller* no Brasil (e no mundo), *Vermelho, branco e sangue azul*, ao figurar constantemente nas listas, trouxe à tona uma questão que vem sendo amplamente discutida nas redes sociais utilizadas para nichos literários específicos, como o (Book)Instagram e o (Book)TikTok. Tal ponto consiste nas divergências da percepção e categorização de gênero literário no Brasil, e os limites da ficção jovem adulta.

Nesse sentido, quando comparamos a categorização da obra no país de origem – os Estados Unidos – e no Brasil, pode-se observar uma divergência de gênero literário. Enquanto no país da publicação original, a obra é categorizada como ficção *New adult* (NA), no Brasil ela é, muitas vezes, lida como uma obra de ficção jovem adulta, ou *Young adult* (YA) e, na própria catalogação da edição brasileira⁴, é categorizada como ficção juvenil, nomenclatura que também é usada para se referir à literatura jovem adulta no sistema de catalogação brasileiro. A expectativa de uma narrativa mais juvenil da obra por parte do público leitor brasileiro pode ser observada não apenas nas redes sociais, mas na categorização nas listas de vendagem dos veículos nacionais. Ao observar as listas de mais vendidos dos principais veículos de listagem do país, Nielsen PublishNews e a revista Veja, a obra é sempre vista na categoria de literatura infantojuvenil. Elencam-se, portanto, certas problemáticas a partir dessa divergência de categorização.

De acordo com Catherine Ross (1985), a literatura jovem adulta pode ser definida de forma objetiva:

Como uma das categorias literárias mais populares entre os jovens, a literatura jovem adulta [*young adult*] é um gênero da literatura que tem se desenvolvido desde os anos 1960 e é agora passível de ser reconhecida por características específicas: protagonistas adolescentes, narração do ponto de vista

⁴ Diz respeito à catalogação da obra na Câmara Brasileira do Livro, cujas informações e material de cadastro são fornecidos pela própria editora e resumidos na Ficha Catalográfica, incluindo o gênero da obra. (Fonte: A autora)

adolescente, cenário contemporâneo realista, e abordagem de assuntos que antes eram considerados tabus. (Ross, 1985, p. 174, - tradução minha)

No que diz respeito ao enredo de McQuiston em relação a tais características, pode-se observar um “cenário contemporâneo realista”, no qual temos uma narração do ponto de vista de Alex, que é uma figura pública na política e um universitário. Sendo assim, os eventos e lugares frequentados por ele vão de eventos oficiais como “Primeiro-filho” (como é chamado por ser filho da presidente dos EUA), como o casamento real cujas repercussões deslancham o relacionamento com Henry, a eventos cotidianos como jantares com a família e a rotina na universidade. Podemos observar, também, a abordagem de assuntos que por muito tempo foram considerados tabus, como as diversas discussões e reflexões a respeito da sexualidade e da história LGBTQ+ que são colocadas enquanto o protagonista se descobre bissexual:

Ele está começando a entender o que palpitou em seu peito na primeira vez em que leu sobre Stonewall, por que se emocionou com a decisão do Supremo de legalizar o casamento entre pessoas do mesmo gênero em 2015. Ele começa a correr atrás do atraso em seu tempo livre: Walt Whitman, as leis de Illinois de 1961 que descriminalizaram a atividade homossexual, as revoltas deflagradas pelo assassinato do ativista Harvey Milk, *Paris is Burning*. (McQuiston, 2021, p. 154 - grifo no original)

No entanto, a principal característica da literatura YA que não se aplica a obra de McQuiston diz respeito à faixa etária dos personagens. Ambos os personagens principais são adultos na casa dos vinte anos, Alex começa o livro com 21 anos e Henry com 22. Enquanto Alex se forma na graduação durante o curso do livro, Henry, que é mais velho, já é graduado. A mesma faixa etária se aplica aos personagens secundários, June, irmã mais velha de Alex, e Nora e Pez, que são os amigos mais próximos de Alex e Henry, respectivamente.

Por outro lado, quando examinamos a categoria que é alvo da discussão do romance, a literatura *New adult* (NA), tal divergência não ocorre.

O termo *New Adult* foi cunhado pela St. Martins Press (grupo editorial que publicou a obra de Casey McQuiston em seu país de origem), em 2009, e foi definido basicamente como “um tipo de ficção similar à ficção jovem adulta, mas cujas publicações e marketing possam ser direcionado a adultos” (McAlister, 2021, p. 5). Beckett (2008, p. 111) define a literatura *New adult* como “um gênero em desenvolvimento, cujos protagonistas costumam estar na faixa etária entre 18 e 29 anos”. Além da ambição de conquistar mais espaço e mais leitores com a adição de mais um gênero nas listas de vendagem, a ficção *New adult* tem sucesso nesse quesito devido também à similaridade com a literatura jovem adulta (*Young adult*), pois não só abrange

assuntos que por muito tempo foram considerados tabus, como também os aspectos que tratam de sexualidade e auto descoberta, mas o faz com uma maior complexidade, por meio de uma narração a partir do ponto de vista adulto, em razão da abertura que a faixa-etária mais inclusiva a permite (Chappell, 2012).

Em outras palavras, quando comparamos a ficção NA à ficção YA, observa-se que é possível falar dos mesmos temas, especialmente aqueles que envolvam assuntos que já foram ou ainda são tabus, com uma maior complexidade. Na obra de McQuiston, pode-se apontar como assunto de maior complexidade a abordagem das relações entre privacidade e imprensa, que tem papel relevante na história devido às armadilhas políticas que rodeiam os personagens. Nesse sentido, tal aspecto da narrativa pode ser melhor entendido por uma audiência mais velha, com a vivência e bagagens necessárias para entender as implicações intrínsecas entre a vida pessoal e privada retratada na obra. Outro fator que implica na categorização do público-alvo da obra é a presença de cenas de conteúdo sexual gráfico, uma vez que o romance entre o filho da presidente e o príncipe de Gales é o principal foco da narrativa.

Apesar de não ser o único aspecto cuja complexidade interfere diretamente na recomendação etária de uma obra literária ou audiovisual, o conteúdo sexual certamente é um dos mais visíveis e discutidos.⁵ Harrison Hill, autor da crítica ao livro da LA Review of Books (LARB), praticamente abre a resenha afirmando que a obra “não é direcionada comercialmente a adolescentes” e que “muitos pais se sentiriam desconfortáveis com o conteúdo sexual apresentado”. No entanto, afirma também que, apesar disso, seu eu adolescente teria encontrado conforto na obra naquela fase de sua vida, e que o livro ajudaria a preencher o “vazio literário” de obras com personagens LGBTQ+ em sua adolescência. Tal sentimento é uma ânsia compartilhada entre os públicos-alvo de ambos os gêneros: enquanto os jovens adultos buscam livros que os ajudem a encontrar seu lugar no mundo e lidar com a autodescoberta etc, isto também se aplica aos aspectos da literatura NA, mas direcionada a adultos, que também buscam este reconhecimento na literatura (McBride, 2019b APUD McAlister, 2021, p. 13).

Embora o gênero *New Adult* até então não tenha sido abordado como uma categoria à parte da literatura jovem adulta no Brasil, é possível observar que este é o gênero mais apropriado ao se referir à obra de McQuiston, justamente pela complexidade e abordagem dos temas da narrativa serem protagonizadas por personagens adultos, com nuances que podem vir a ser mais bem entendidas pelo público correspondente. Outros críticos, como Kerry McGahan,

⁵ No Brasil, não há consenso oficial ou manual específico para direcionar a recomendação etária em livros, no entanto, as editoras tradicionais costumam seguir as orientações de faixa etária do ClassInd, documento que reúne as especificações do sistema brasileiro de classificação indicativa para o audiovisual. (Fonte: A autora)

que escreveu sobre o livro em sua resenha para o jornal Glasgow Guardian, pontuam que a obra se posiciona no “espaço desconfortável e difícil de definir que existe entre a literatura YA e adulta” (McGahan, 2021). Nesse sentido, vale pontuar também que leitores adolescentes podem ser surpreendidos caso façam uma leitura da obra despreparados, devido ao conteúdo sensível cuja recomendação etária não se aplica ao público geral da literatura jovem adulta.

Outro fator relativo à demarcação do gênero é a influência comercial. McAlister argumenta que não só deve-se levar em consideração o mercado e os fatores sociais de publicação e recepção, mas a própria substância do texto. Se, em um momento inicial, a nomenclatura *New Adult* foi criada para demarcar um público-alvo específico, hoje ela também diz respeito ao conteúdo narrativo, ou seja, há aspectos formais, como os que apontados anteriormente, que apontam que uma obra é, de fato, literatura *New Adult* (McAlister, 2021, p. 83).

Finalmente, vale refletir a respeito da necessidade de direcionamento dos gêneros literários no que diz respeito às estratégias de marketing e vendagem no Brasil, uma vez que as noções de gênero e categoria de vendas estão diretamente conectadas no mercado editorial (McAlister, 2023, p. 6). Desse modo, conclui-se que as casas editoriais podem e devem promover estratégias de alcance que não deixem espaço para ambiguidade no que diz respeito ao gênero e ao conteúdo que pode ser esperado de tal, para que, assim, a experiência de leitura possa ser feita com a responsabilidade necessária.

3. NARRATIVAS BISSEXUAIS E O PAPEL DA FICÇÃO

Um dos aspectos mais discutidos da contribuição da ficção para jovens leitores diz respeito ao papel dessa literatura na vida e desenvolvimento de seu público-alvo. Sendo assim, o papel da ficção, no que concerne a apresentação e representação dos papéis de gênero e da sexualidade, carrega alguns dos temas de relevância que cabem ser discutidos em *Vermelho, branco e sangue azul*, devido ao apelo da obra ao público mais jovem.

Antes de discutir de forma mais específica como a bissexualidade é retratada nesta obra direcionada a jovens leitores em particular, vale refletir a respeito do papel da literatura infantojuvenil e suas implicações na formação intelectual de crianças e adolescentes. Ao longo de tais estudos, teóricos discutiram e reiteraram os porquês de analisar como as noções de gênero e sexualidade estão sendo apresentadas a este público. Sunderland (2010) argumenta a respeito da importância de discutir a representação dos papéis de gênero na literatura infantojuvenil, não só no sentido restrito de como homens e mulheres são, mas, de forma mais específica, discute a ideia de como tal ficção retrata como um homem e uma mulher devem ser e, especialmente, como devem se relacionar entre si (Sunderland, 2010, p. 6). Nessa perspectiva, entram em foco temas que perpassam o discurso sexual, como as ideias de masculinidade e feminilidade e do que é orientado nos textos consumidos por cada grupo (homens e mulheres).

Epstein (2014) discute especificamente a respeito do papel da ficção na jornada de crescimento do público composto por jovens leitores. Segundo ele, um dos consensos entre pesquisadores da área consiste na ideia de que a ficção tende a ser o meio principal de descoberta e aprendizado a respeito de sexo e sexualidade para jovens leitores, o que atribui grande importância aos mecanismos de classificação indicativa e abordagem apropriada à faixa etária (Epstein, 2014, p. 10). Nesse sentido, podemos então abordar alguns dos pontos principais que são colocados na narrativa de McQuiston a partir dessa perspectiva, como a jornada de autodescoberta e vivência bissexual do protagonista e, também, a construção dos personagens para além de suas sexualidades.

Segundo a crítica ao romance, observa-se que um dos pontos altos da narrativa consiste na construção do relacionamento dos personagens como indivíduos queer. Segundo Hill (2019), que escreveu uma crítica do romance para a *LA. Review of Books*, a obra de McQuiston surpreende ao abrir os horizontes dos “arquétipos disponíveis para homens gays e bissexuais”, ao tecer uma narrativa na qual tais indivíduos têm o direito de protagonizar momentos de diversão, ter o coração partido e viver as agruras de crushes improváveis. Em meio a uma constante cobrança de que narrativas centradas em personagens LGBT tenham plots extraordinários para se justificarem, o livro de estreia de McQuiston retrata o relacionamento

amoroso entre Alex e Henry com as nuances próprias da comédia romântica clássica. Hill (2019) aponta, ainda, o importante papel da narrativa ao proporcionar a mesma leveza das narrativas heteronormativas: “igualdade significa ter acesso a todo tipo de narrativa, das profundas às frívolas”.

Outro ponto que vale ser mencionado consiste na construção nuançada das personalidades e vivências dos personagens, fazendo que haja reconhecimento e identificação por parte do público leitor. Um dos melhores mecanismos do autor⁶ é apresentar personagens com os quais o público pode se identificar, ainda que se trate de contextos inverossímeis como integrantes da família real britânica e do alto escalão da política dos Estados Unidos, aponta Daisy Finefrock em sua crítica à obra para o jornal Santa Barbara Independent. Finefrock (2020) aponta ainda que as nuances se estendem aos personagens secundários, que são representados como indivíduos com religiões, etnias e sexualidades variadas. No que diz respeito aos protagonistas, o modo com que são retratados como indivíduos imperfeitos que podem cometer erros e mudar de opinião contribui para a identificação do público alvo, especialmente quando se trata de comunidades marginalizadas como adolescentes e jovens LGBT, aponta a promotora literária Brianna Robinson em resenha para o portal The Young Folks.

Nessa perspectiva, a obra de McQuiston toca também em outra questão interessante no que diz respeito à dicotomia da vida pública e privada em relação à sexualidade dos personagens. Hill (2019) aponta que a coluna política sobre a qual a narrativa se apoia implica diretamente em como os personagens reagem à situação de assumir seu relacionamento e, simultaneamente, a própria sexualidade. Segundo ele, “as armadilhas políticas aumentam e diminuem os riscos de ser gay ou bissexual”, uma vez que não há espaço para “vergonha e o tão comum acerto de contas interfamiliares” a que indivíduos queer são submetidos. Entretanto, na obra de McQuiston, a pressão para este acerto de contas funciona de formas diferentes no que diz respeito à esfera privada e à pública. Enquanto a família de Alex é receptiva e o apoia quando ele conta que é bissexual e está apaixonado por Henry, a reação pública o obriga a formalizar sua “saída do armário” e evitar a propagação de interpretações equivocadas sobre a situação. Ao declarar sua bissexualidade e relacionamento para o público, Alex se recusa a deixar que as rédeas da própria narrativa sejam tocadas por terceiros. Finalmente, é interessante pontuar que, apesar da dificuldade acentuada por fatores políticos, o *timing* da campanha eleitoral da mãe e o fato de Henry ser um príncipe, o processo de sair do armário e assumir o relacionamento em público é difícil, mas não é uma sentença de morte.

⁶ O autor, Casey McQuiston, é uma pessoa não-binária que prefere o uso de denominações e pronomes masculinos.

Em suma, a narrativa de McQuiston obtém sucesso em capturar a sexualidade em variadas nuances pelos olhos de seu protagonista sem que a obra seja resumida apenas à jornada de autodescoberta ou a questões relacionadas à aceitação da sexualidade por parte dos próprios personagens ou do meio social em que estão inseridos. Ao fim de sua resenha, Hill (2019) elogia a obra por mostrar que é possível que dois jovens vivam um relacionamento tão realista, divertido e complicado quanto nos romances heterossexuais que costuma ver o tempo todo e que dominaram o gênero por tanto tempo: “A obra recebe pessoas queer no charmoso clichê do gênero da comédia romântica”, conclui ele.

Segundo Moreira e Scabin (2023), cuja pesquisa se baseia na percepção do público leitor de obras LGBT no mercado editorial brasileiro, a ideia de que obras centradas em personagens não hétero devem sempre tratar a sexualidade e seus conflitos como ponto central da narrativa é uma dos principais motivos de insatisfação dos leitores. Em uma das seções mais pontuais da pesquisa, que consistiu em entrevistar mais de 100 leitores por meio de um formulário a respeito das impressões de literatura queer no Brasil, um respondente destaca a insatisfação do público alvo ao se deparar somente “com histórias que concentram todo o drama da obra no fato de o personagem ser LGBT, o que leva a história ter a homossexualidade e seus conflitos como ponto central e não tratada como mais uma um detalhe do personagem” (Moreira; Scabin, 2023, p. 16). Tal insatisfação recai sobre a ideia de que a construção do personagem queer ser sempre centrada em conflitos oriundos da sua sexualidade reflete numa construção de personagem sem a profundidade esperada de um personagem hétero, por exemplo, que acaba retratando estereótipos em detrimento de “um ser humano qualquer com outras ambições” (p. 16).

Por fim, pode-se observar que a obra trabalha tais questões por meio de construção narrativa que promove a representação realista e não estereotípica dos personagens e de suas vivências como indivíduos, contribuindo, desse modo, para a literatura queer e seu papel na formação intelectual e social do público leitor.

3.1 O precedente da visibilidade

Tema central e recorrente às teorias contemporâneas a respeito da bissexualidade, a invisibilização e/ou apagamento bissexual se refere “às formas pelas quais a bissexualidade, enquanto forma madura de desejo, é evitada, omitida ou tornada invisível” (MacDowall, 2009, p. 2). No que diz respeito à presença de contextos bissexuais na literatura para leitores jovens, infantojuvenil e jovem adulta, Epstein (2014) afirma que a ausência de personagens bissexuais e da abordagem da bissexualidade como uma identificação sexual legítima é historicamente observável. Em seu artigo “The case of missing bisexuals”, Epstein discute a abordagem da

bissexualidade na formação educacional e, para tal, analisa livros e textos direcionados a leitores mais jovens, como a literatura infantojuvenil e jovem adulta. Nesse sentido, a partir da ideia que “a literatura, em contextos educacionais, é responsável por ensinar a indivíduos jovens a respeito de determinado tópico”, pode-se apontar, então, que as crianças e os jovens não estão aprendendo sobre bissexualidade, uma vez que esta não é muito bem reconhecida tampouco bem aceita nestes contextos (Epstein, 2014, p. 2).

Pensando no panorama editorial brasileiro, nota-se que o crescimento do nicho de publicações com protagonistas LGBTQ+ para crianças e adolescentes é um movimento recente. A primeira publicação foi em 2013 pela Galera Record, selo que concentra as publicações infantojuvenis do Grupo Editorial Record, com *Will & Will*, de David Levithan e John Green. No livro, dois garotos, ambos chamados Will Grayson, se conhecem ao acaso e se apaixonam em meio aos devaneios e as dores da adolescência. De acordo com a editora, foi o primeiro infantojuvenil de narrativa LGBTQ a figurar na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Segundo Verçosa (2017), houve um aumento considerável nas publicações do gênero infantojuvenil com representatividade LGBTQ no Brasil entre 2015 e 2017, e vinte publicações foram registradas nesse período (p. 12, tabela 2). Ao classificar as obras registradas de acordo com a identificação dos personagens, observa-se que a maioria têm, no papel de protagonista, homens gays, e apenas duas das vinte obras observadas têm personagens bissexuais (p. 12, gráfico 1).

Nesse sentido, observa-se que, enquanto a homossexualidade tem alcançado, mesmo que após décadas de repressão sociocultural, certa visibilidade no contexto da literatura direcionada a jovens leitores, a bissexualidade, no entanto, ainda permanece na clandestinidade do imaginário sociocultural. Epstein (2014), afirma que não só a ausência de personagens bissexuais na literatura infantojuvenil é observada, mas, quando há personagens bissexuais, o que tende a ocorrer com mais frequência na literatura jovem adulta, estes são, com frequência, descritos de forma estereotípica, e suas características não são representadas ou analisadas substancialmente (p. 15). Além disso, indivíduos que se identificam com as chamadas monossexualidades, que se referem a atração por apenas um gênero, como gays e lésbicas, são mais dificilmente invisibilizadas. Em outras palavras, reitera-se a presença de personagens que se relacionam com um ou outro gênero, mas dificilmente com dois (p. 15).

Alguns teóricos sugerem que o próprio discurso a respeito da sexualidade tende a apagar consistentemente a bissexualidade por meio da apropriação e da generalização. Du Plessis (1996) argumenta que diversas teorias colocam a bissexualidade como um evento que ocorre no passado ou no futuro, ao afirmar que “todos já foram bissexuais” ou “todos serão bissexuais”, e, no

entanto, ninguém é bissexual no presente (p. 30). Garber (1997), fala sobre como o que ela chama de “lei do meio excluído” relega a bissexualidade à invisibilidade, consistindo basicamente em: se alguém que já esteve em um relacionamento com alguém de outro gênero agora está com alguém do mesmo, essa pessoa é homossexual; se alguém estava em um relacionamento homossexual e agora está com alguém de outro gênero que não o dela, então é um relacionamento hétero. Desse modo, é como se os indivíduos bissexuais que estão caminhando entre esses dois cenários não existissem, sendo colocados à margem pela então “lei do meio excluído” (Garber, 1997, p. 594).

Na narrativa de McQuiston, a bissexualidade entra em foco uma vez que o protagonista entra em uma espiral de crise de sexualidade depois de ser beijado por Henry, que desaparece logo depois, o deixando sozinho para refletir sobre seus sentimentos. Conforme Alex reflete sobre a atração que sente por Henry e sobre o que isso significa sobre sua sexualidade, outros momentos vão surgindo, pequenas pistas sobre como ele, na verdade, têm se atraído por homens há algum tempo: no ensino médio, reflete Alex, ele e seu então melhor amigo, Liam, trocavam carícias sexuais com certa frequência, mas até então Alex não achou que isso era o suficiente para significar que ele não fosse hétero. Outras evidências da sua atração por homens surgem quando pensa em Rafael Luna, seu mentor político e amigo pessoal, e ele percebe que sempre achou a figura de Luna atraente. A dificuldade de diferenciar atração sexual de uma possível admiração masculina em meio a essa autodescoberta é eventualmente pontuada:

[...] ele relembra sua adolescência cheia de hormônios e de pensar em meninas durante o banho, mas também se lembra de fantasias sobre as mãos de um menino em cima dele, de maxilares fortes e ombros largos. Lembra de ter que se esforçar para afastar o olhar de um colega de equipe no vestiário algumas vezes, mas, tipo, foi uma ocasião pontual. Como ele poderia saber na época se queria ser como outros caras ou se queria *ficar* com outros caras? Ou se só era um adolescente tarado? (McQuiston, 2021, p. 109 - grifo no original)

Além do protagonista, há outros personagens que se identificam como bissexuais na narrativa, como Nora, a amiga mais próxima de Alex e com quem ele já teve um relacionamento íntimo. Nora é quem mais o ajuda a entender sobre a própria sexualidade depois dos acontecimentos no ano-novo. Um dos aspectos mais interessantes na construção dos personagens como indivíduos bissexuais de McQuiston consiste nas nuances que os diferenciam e os unem. Enquanto Alex passa por uma crise de identidade enquanto faz as pazes com sua sexualidade, Nora não vivencia nenhuma crise ou negação a respeito da própria bissexualidade, é apenas “uma parte incidental de quem ela é”, conclui Alex (p. 110). No entanto, nenhum dos personagens têm implicações de promiscuidade, confusão ou insatisfação com a questão, de

forma que os estereótipos e as conotações negativas a respeito de indivíduos bissexuais (Epstein, 2014, p. 4) não se fazem presentes, o que não impede o curso clichê e feliz ao final da narrativa, o que constitui outro cenário ainda incomum em se tratando de obras protagonizadas por indivíduos bissexuais (Epstein, 2014, p. 16).

É interessante pontuar que, na narrativa de McQuiston, a sexualidade não é o ponto central ou a característica mais importante para o desenvolvimento dos personagens, de forma que o plot e o rumo dos acontecimentos é direcionado por vários fatores, não apenas a questão da crise de sexualidade que não segue a ordem heteronormativa e, ainda assim, há certo equilíbrio entre não centralizar a vivência dos personagens LGBTQ+ em suas sexualidades, mas, ainda assim, pontuar a existência delas. No discurso de Alex, no qual ele vem a público assumir o relacionamento com Henry depois do vazamento das conversas privadas entre os dois, o personagem faz questão de pontuar que é um homem bissexual, ao mesmo tempo legitimando seus relacionamentos anteriores e, em um aceno à toda uma parcela de figuras públicas cujas verdadeiras identidades permaneceram no escuro, apontando que este é o legado que ele deseja deixar na história.

Nessa perspectiva, observa-se que a ideia de um legado e uma contribuição à memória, no sentido histórico, tem um papel relevante na narrativa, especialmente para o protagonista, ao pontuar: “Eu sou o primeiro-filho dos Estados Unidos, e sou bissexual. A história vai se lembrar de nós.” (McQuiston, 2021, p. 344). Sem essa declaração, pode-se inferir que Alex seria facilmente tido como um homem gay pelo público, como ele observa nos comentários rudes e invasivos assim que o vazamento de suas conversas com Henry acontece (p. 307). Tal aspecto pode ser relacionado a facilidade com que a memória cultural bissexual é facilmente diluída em detrimento à memória gay ou lésbica, por exemplo, contribuindo para a invisibilização da comunidade.

Garber (1997) argumenta a respeito ao sinalizar que, embora os estudos que contemplam indivíduos gays e lésbicas tenham sido peças-chave no movimento progressista que possibilitou visibilizar a experiência e os contextos homossexuais, que foram intensamente reprimidos cultura e socialmente, ainda há muito a ser feito pela visibilidade de indivíduos bissexuais na memória cultural. Segundo Garber, isso se dá, principalmente, devido ao fato de que grande parte da produção artística ao longo das gerações, como filmes, estilos de estética, livros e até vivências de indivíduos como Virginia Woolf, Oscar Wilde, o rei Jaime I da Inglaterra e textos como os *Sonetos*, de Shakespeare, *A cor púrpura*, de Alice Walker e *O quarto de Giovanni*, de James Baldwin são lidos até hoje como indivíduos e textos gays, ainda que a maioria deles possa ser descrita de forma mais apropriada como bissexual ou, pelo menos, atuar de modo a “pôr a

prova as fronteiras que propõem separar ‘bissexualidade’ de ‘gay’ e ‘lésbica’” (Garber, 1997, p. 28).

Finalmente, pode-se apontar que, por meio das construções de personagens bissexuais para além dos estereótipos comumente observados no que diz respeito à presença desses indivíduos na literatura direcionada a jovens leitores, *Vermelho, branco e sangue azul* pode, ao menos, ser lido como uma obra cuja representação tem o potencial de contribuir positivamente para a visibilidade bissexual no que concerne ao escopo da literatura jovem adulta e à historicização de produções culturais que dizem respeito a tal comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo discutir a respeito da representação bissexual no nicho da literatura contemporânea direcionada ao público jovem. Como objeto de análise, foi escolhida a obra *Vermelho, branco e sangue azul*, de Casey McQuiston, cuja narrativa é centrada em um protagonista bissexual e é um best-seller no Brasil, especialmente entre os leitores de literatura *Young adult*.

No primeiro capítulo, foi apresentado breve resumo do enredo da obra seguido da contextualização da publicação e recepção comercial no Brasil. Nesta seção abordamos, também, a questão da divergência do gênero literário a que a obra é inserida ao comparar a catalogação nos Estados Unidos e no Brasil. Concluiu-se que, embora a obra tenha contornos que a posiciona no gênero *New adult*, direcionado a audiências um pouco mais velhas que a literatura *Young adult* (Beckett, 2008), tal gênero ainda não é reconhecido no Brasil, o que acaba aglutinando obras de ambos gêneros na mesma categoria infantojuvenil. Observou-se, também, indo de encontro às proposições de McAlister (2021), que tal questão é ligada diretamente à influência comercial de práticas de marketing, e que pode surpreender leitores desprevenidos devido a tons de maior complexidade que o esperado para a categoria YA.

No segundo capítulo, discutiu-se a respeito do papel da ficção na formação intelectual de jovens leitores e como a narrativa da obra de McQuiston contribui para tal a partir da análise da obra na construção dos personagens e outros aspectos relevantes apontados pela crítica. Depois, discute-se a questão da visibilidade e representação bissexual a partir das proposições de Epstein (2014), que atribui à literatura direcionada a jovens leitores a função educativa de reconhecer a bissexualidade como uma identificação válida. Concluiu-se que, a partir de construções de personagens bissexuais que não se resumem ao processo de autoaceitação e aos temas comumente atribuídos à bissexualidade, como a ideia de imaturidade ou confusão, a obra de McQuiston contribui para a visibilidade bissexual ao tecer uma narrativa que os retrata de forma complexa e nuançada para além de tais estereótipos, e sua obra pode, ao menos, ser considerada como uma produção cultural que busca iluminar e reiterar a existência da comunidade bissexual, a partir dos parâmetros de Garber (1997).

Finalmente, espero que, com este trabalho, tenha possibilitado, ao menos, propor discussões que possam contribuir para iluminar e refletir a respeito da importância da literatura para jovens leitores no que diz respeito à visibilidade bissexual, sinalizando, também, a importância de um movimento editorial que busque propiciar tais discussões e oferecer espaço para a publicação de obras centradas nestes indivíduos.

5. REFERÊNCIAS

BECKETT, Sandra L. **Crossover Fiction: Global and Historical Perspectives**. New York: Routledge, 2008.

BERTOLINI, Laura Petry; OLIVEIRA, Kamilla Ricardi; AMARAL, Edina Aparecida. LGBTQIAPN+: conceito e importância do reconhecimento social. **Anais do 20º Encontro Científico Cultural Interinstitucional – 2022**. FAG Centro Universitário, Paraná, 2022. Disponível em: <<https://www4.fag.edu.br/anais-2022/Anais-2022-111.pdf>>. Acesso em: 03/08/2023.

CHAPPELL, Briony. “Would you read novels aimed at 'new adults'?”. **Guardian**, London, 10/09/2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2012/sep/10/new-adult-fiction>>. Acesso em: 07/04/2023.

DU PLESSIS, Michael. Blatantly bisexual. **RePresenting bisexualities: Subjects and cultures of fluid desire** (pp. 19–54). New York: New York University Press, 1996.

EPSTEIN, B. J. The Case of the Missing Bisexuals: Bisexuality in Books for Young Readers. **Journal of Bisexuality**. 14 (1), 110-125, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271755307_The_Case_of_the_Missing_Bisexuals_Bisexuality_in_Books_for_Young_Readers>. Acesso em: 20/07/2023.

FINEFROCK, Daisy. Review | Casey McQuiston’s ‘Red, White & Royal Blue’: Novel Explores Romance Across the Atlantic. **Santa Barbara Independent**. Santa Barbara: 2020. Disponível em: <<https://www.independent.com/2020/04/16/red-white-royal-blue/>>. Acesso em: 17/07/2023.

G1 RIO. Crivella pede para recolher livro dos Vingadores vendido na Bienal. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/05/crivella-pede-para-recolher-livro-dos-vingadores-vendido-na-bienal.ghtml>> Acesso em: 03/05/2023

GARBER, Marjorie. **Vice-versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana**. Tradução de Ivanir Callado. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HILL, Harrison. Unthinking Pleasure: On Casey McQuiston’s “Red, White & Royal Blue”. **Los Angeles Review of Books (LARB)**. Los Angeles: 2019. Disponível em: <<https://lareviewofbooks.org/article/unthinking-pleasure-on-casey-mcquistons-red-white-royal-blue/>>. Acesso em: 17/07/2023.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade sexual e Homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In: XAVIER FILHA, C.(org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2009a.

MACDOWALL, L. Historicising Contemporary Bisexuality. **Journal of Bisexuality**, v. 9, issue 1, 2009. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299710802659989>>. Acesso em: 20/07/2023.

MCGAHAN, Kerry. BookTok Review: Red, White & Royal Blue. **The Glasgow Guardian**. Escócia: 2021. Disponível em: <<https://glasgowguardian.co.uk/2021/11/17/booktok-review-red-white-royal-blue/>>. Acesso em: 17/07/2023.

MALTA, Renata; FLEXOR, Carina; COSTA, Aianne. Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 61, e6110, 2020, pp. 1-13. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/i/2020.n61/>>. Acesso em: 03/07/2023.

MCBRIDE, Georgia. (2009b). 'Interview: JJ, St Martin's Press Editorial Assistant'. Georgia McBride, 9 November 2009, georgiamcbridebooks.wordpress.com/2009/11/09/interview-jj-st-martins-press-editorial-assistant/. Accessed via theWayback Machine, 16 June 2020.

MCALISTER, Jodi. **New adult fiction**. Cambridge: Cambridge University Press: 2021.

MCQUISTON, Casey. **Vermelho, branco e sangue azul**. Edição especial. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MOREIRA, Nayane; SCABIN, Nara. Representatividade LGBT no mercado editorial brasileiro: editoras independentes, percepções de consumo e desafios contemporâneos. **Temática**, João Pessoa, v. 19, n. 7, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index>>. Acesso em: 03/07/2023.

ROBINSON, Brianna. Book Review: Red, White & Royal Blue by Casey McQuiston. **The Young Folks**. 2019. Disponível em: <<https://www.theyoungfolks.com/review/133480/red-white-royal-blue/>>. Acesso em: 20/07/2023.

ROSS, Catherine. Young Adult Realism: Conventions, Narrators, Readers. **The Library Quarterly**, v. 55, n. 2, pp. 174-191, 1985.

SUNDERLAND, Jane. **Literature, Gender and Children's Fiction**. London: Continuum, 2010.

VERÇOSA, Hewertton Ferreira. **A representatividade LGBT na literatura infantojuvenil contemporânea**. 2017. 20 f. TCC (Graduação em Letras) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.